


VICTOR BONINI

O CASAMENTO

TODOS ESPERAVAM POR UMA FESTA INESQUECÍVEL...



“A trama de Bonini é como um quebra-cabeça que vai se tornando mais perigoso e sangrento a cada página .”

RODRIGO DEOLIVEIRA
Autor da Série
As Crônicas dos Mortos



VICTOR BONINI

O CASAMENTO

TODOS ESPERAVAM POR UMA FESTA INESQUECÍVEL...

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2017

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **LUIZA DEL MONACO**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa e miolo **GENTILLY DO NASCIMENTO COSTA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bonini, Victor

O casamento / Victor Bonini. — 1ª ed. — Barueri :
Faro Editorial, 2017.

ISBN: 978-85-9581-004-4

1. Ficção brasileira I. Título.

17-06794

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3



1ª edição brasileira: 2017

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br



CAPÍTULO I

Babosa

DOIS ANOS ANTES DO CASAMENTO

Festa de faculdade, mais de duas da manhã. Diana ainda tinha esperanças de que ele aparecesse. Claro que ele ia aparecer! Não era de furar. Logo, ele deveria entrar pela porta da balada, o rosto destoando naquela multidão de universitários bêbados — um lorde no meio de plebeus. Diana fingiria indiferença — *Nem passou pela minha cabeça que você não viria* —, e ele daria explicações sem se importar com a música alta: *É que você sabe como são os meus pais... Eles resolveram jantar em um daqueles restaurantes caros e diferentes que ficam longe pacas, sabe?*

Ele continuaria com as justificativas, ela balançaria a cabeça como quem pouco se interessa e depois, no ritmo da conversa, Diana introduziria *suas* histórias importantes. E como tinha histórias importantes para contar... Ela *precisava* contar. Além dele, quem mais as ouviria?

Só que até aquele momento, nada dele. *Droga.*

Diana se deu conta de que estava sozinha por tempo demais naquele balcão de bar. Precisava de companhia. As pessoas começavam a reparar. *Jura? Ela, sozinha? Tão linda e largada? Olha, não sei por que, mas não me surpreende.* Tinha que afogar aquilo. Pediu uma cerveja e já ia em direção à pista quando alguém esbarrou no seu ombro e o copo virou sobre a blusa — uma cachoeira amarela.

Gargalhadas em volta. Diana se encolheu de frio. Exalava o cheiro da bebida como se tivesse passado um perfume de Skol antes de sair de casa. Fragrância inigualável. *Eau de cevada.*

— Nossa, corre e acha uma piscina pra se jogar! — alguém disse ao lado, dando risada da cara dela.

— Não, tudo bem...

— É, tudo bem. Vê pelo lado bom: agora vão querer te pegar de qualquer jeito. Mesmo que seja só um bêbado atrás de breja.

Diana era oficialmente a mais otária de toda a festa. Uma veterana da universidade — *Ela deve conhecer muita gente, né?* —, uma das integrantes mais ativas da Associação Atlética — *Caramba, ela sabe direitinho quem é quem aqui dentro* — e a principal organizadora daquela festança que todo o mundo curtia — *E gatíssima, peitão, puta bunda, você já reparou que o olho dela é verde-claro?*

Mas lá estava ela sozinha, a blusa encharcada e nenhum amigo para rir *com* ela. Apenas estranhos que riam *dela*. O melhor então era gargalhar junto — *Ria, ria agora!* — e esperar que parassem de encará-la. Missão cumprida. Então, tudo o que precisava fazer era se juntar a um grupo, puxar papo e dançar em alguma roda de pessoas que conhecia de vista, mas que trataria como velhos amigos. Faculdade não se resumia a isso? Era hora de fingir ser popular. E Diana era mestra nisso. Era o que fizera por todos aqueles anos.

Pegou outra cerveja no balcão e se aproximou de um grupo de jogadoras de handebol. Devia ter conversado no máximo duas vezes na vida com cada uma delas.

— E aí?

Atenção zero para Diana. As garotas continuaram ouvindo a história que uma delas contava como quem narra um milagre de Santa Bárbara.

— ... é seríssimo, porque, tipo, eu disse que não ia ficar com ele. Até aí, beleza, ele foi super de boa, saiu de perto e tal. Vocês sabem, ele é um fofo quando quer. Só que, velho!, do nada ele chegou com aquela *Regiane*...

Uh! Regiane, o Demônio.

— ... e ele começou a, tipo, passar a mão nela. E quando eu olhei de novo, ele estava pegando a mina bem na minha frente! Mano!

— Mas você já não tinha dito que não queria nada com ele? — Diana perguntou. Foi a primeira vez que repararam na presença dela.

— Foda-se o que eu tinha dito! Você não entendeu nada do que eu contei, né? Nossa, menina, quem te chamou aqui?

Diana pôs a mão no peito. Agora era atenção mil para ela. Corou.

— Não, você entendeu errado. Desculpa, sério, eu *realmente* achei que você quisesse uma ajuda pra resolver o problema e... — Era só o que faltava: arranjar briga naquela situação. Diana foi em frente, tentando se justificar: — Pelo jeito, esse cara é um idiota, ele pegou a Regiane só porque você não tava a fim no dia e...

— É Diana seu nome, não é? Faz o seguinte: volta pro bar e joga mais um copo de cerveja na blusa. Quem sabe assim alguém consegue te engolir.

Outra garota pegou a deixa:

— Ah, e depois pula pelada na piscina. Não é esse seu esporte? Então pronto.

O que fazer numa situação dessas? Diana saiu de cabeça baixa. Voltou ao mesmo ponto onde pouco antes havia lamentado sua solidão. Olhou mais uma vez para a porta — a esperança de vê-lo entrando foi ao mesmo tempo boa e dolorosa.

Ninguém.

...e depois pula pelada na piscina. Não é esse o seu esporte?

Era sobre isso que Diana queria contar a ele. Eles confienciavam tudo um ao outro, não? Então onde estava ele agora, justamente quando ela estava sensível e precisava contar sobre o episódio que a deixou conhecida em todo o *campus* como a sapatão ninfomaníaca?!

Diana bebeu todo o copo de cerveja de uma tacada só. O gosto na boca era mais azedo do que de costume.

E aí ela sentiu aquela mão grande e pesada pousar sobre sua cintura e puxá-la. Ao se virar, Diana ficou a poucos centímetros do rosto moreno daquele brutamontes que ela vira tantas vezes no time de basquete, mas com quem nunca trocara uma palavra. Isso porque ele parecia nem saber falar direito. Um orangotango. A julgar pela aparência, Diana não imaginava como ele havia conseguido passar no vestibular.

— Tá sozinha, gata?

Ele só pode estar de brincadeira. Diana virou o rosto para o outro lado. Um recado bem claro.

— Eu posso resolver os seus problemas. — Ele ergueu a sobrançelha. Sedutor. Seguro. Sensível. Os três *esses*. Só que não.

— Jura mesmo que você acha que esse xaveco vai colar?

— Você vai ver.

— Sério, eu *não vou* ver.

— Tá sozi...?

Ela o cortou bruscamente:

— Você tá vendo mais alguém comigo?

— Eu gosto de mina assim, bem direta.

— Tá, vou ser bem direta, então: eu não tô a fim. Nem de você, nem dessa conversa. Tipo, eu agradeço, mas não.

Ele ficou com o orgulho ferido, perdido por alguns segundos. Mas no fim das contas, aquilo acabou servindo para que o cara se sentisse ainda mais convencido.

— Você tá sozinha e molhada de cerveja, gata. Qual a sua chance se não comigo?

Ela fechou os punhos com tanta força que as unhas machucaram a pele.

— Seu... escroto! E a minha vida não é da sua conta!

Ele, na verdade, gostou de ser xingado e de ver as proeminentes maçãs do rosto dela corarem. Tocou nelas com delicadeza.

— Vai, assume que você não quer ficar sozinha.

Diana afastou a mão dele.

— Meu Deus, você é tão burro que não consegue interpretar um sinal! Zero de tato!

— Posso não ter um bom tato, mas preciso dizer que sou ótimo com as mãos.

Diana riu de nervoso.

— Você realmente acha que tá me seduzindo! Para, tá ficando feio.

Ele também começou a ficar impaciente. De repente, passou o braço musculoso e peludo em torno do pescoço de Diana e insistiu:

— Gata, vai ser mais fácil se você acreditar em mim e facilitar as coisas.

E cantou para ela uma parte da música sertaneja que tocava e que falava sobre um motel com vodca e banheira de hidromassagem. Diana sentiu nojo. Então, ele inclinou a cabeça prestes a forçar um beijo, mas ela logo se desvencilhou.

— Você tá louco?!

Ele apenas riu das maçãs do rosto ainda mais vermelhas.

— Quem você pensa que é? O Gaston?

— Que Gaston?

— Aff... Não me surpreende que você não saiba. Deixa. — Ela foi embora. Atravessou a pista de dança e procurou refúgio no outro bar. Pediu mais cerveja, apesar de sua consciência moribunda ter lhe dito que era melhor parar por ali.

De repente, foi agarrada de novo pela cintura. O toque foi mais agressivo agora.

— Gata, você não pode sair assim como se eu fosse um zé-ninguém.

— Porra, *você não entendeu?* Eu...

Ele a interrompeu com um beijo forçado. Ofensivo como um ladrão que furta uma bolsa e bate em retirada. Diana se assustou e reagiu dando um tapa no rosto dele. *Paft!* Os dedos dela ficaram marcados na bochecha morena.

— Sai de perto de mim ou eu chamo a segurança! — O ódio estava evidente em sua voz. Ódio por ter sido abandonada naquela festa, por ter se tornado piada na faculdade, por ter virado a espécie de mulher que é vítima de homens como aquele.

Mas só depois do tapa foi que Diana percebeu que poderia ter cometido um grande erro. A agressão só servira para atizar aquele brutamontes. Conhecia essa laia: forte, bonitão e confiante. O cara que, se rejeitado, é capaz de machucar. Diana teve medo. Os olhos do rapaz se esbugalharam.

— Você tem merda na cabeça?! *Você me bateu!*

— Você... Você me beijou... — Ela tremia.

— Mina, você não tem noção do que fez.

Diana queria dizer de novo que ia chamar o segurança, mas não teve coragem. Mexera com o cara errado. Viu um monstro ainda maior dentro daqueles olhos negros. Ele foi avançando para cima dela, sua sombra como um tsunami prestes a destruir uma cidade. Diana pensou em correr, gritar, agredi-lo para ganhar tempo.

Mas não precisou. O brutamontes deu um passo para trás.

— Não grita. Calma. É que, velho, você me deu um tapa.

Ela precisou de um segundo para se certificar de que o tsunami não ia mesmo devastá-la.

— E você me beijou sem eu deixar! Isso é assédio — ela teve o cuidado de baixar o tom. Tinha medo de o Senhor Tsunami mudar de ideia.

— Tá, maus! Sei lá, é que eu te vi ali atrás e pensei que você não deveria ficar sozinha.

— Tudo bem, mas você fez tudo errado. Poderia ter me machucado ou... Ou...

Merda. Aquela reviravolta emocional fez a cerveja dançar no estômago. Diana deu as costas para o jogador de basquete e saiu correndo da festa, se esfregando no suor de quem estava no caminho, o que só piorou o enjoo. Ela iria vomitar a qualquer minuto.

Conseguiu segurar até o jardim. Lá fora, ao lado da área de fumantes, lembrou todo o jantar e os seis copos de cerveja. Depois, despencou ao lado da planta toda batizada de vômito, os olhos vazios fixos nos espinhos de uma folha. Ficou torcendo para que ninguém a tivesse visto. Seus olhos se encheram d'água.

— Você tá melhor?

Diana deu um pulo de susto.

— Puta merda, você não desiste?!

— Calma, eu vim ajudar.

— Você ajuda indo embora! Vai lá aumentar a lista de meninas que você esturpou e não me enche!

Mas ele não conseguiu mover os pés. As lindas maçãs do rosto que o tinham instigado alguns minutos antes agora estavam apodrecidas, enrugadas, sujas. E cheiravam a vômito.

— É que você tá bêbada... E sozinha... — Ele olhava para os lados como se as plantas pudessem lhe soprar uma solução. — Quer que eu vá chamar alguém?

Quem? Essa era a pergunta que Diana vinha se fazendo por todos aqueles anos de faculdade. Quem ela chamaria se um dia desse um PT e precisasse de alguém para cuidar dela?

— Não precisa chamar ninguém. — Diana preferiu se fazer de difícil. — Eu me viro. Vai embora.

Mas ele continuou ali, cravado na grama.

— Gaston é o cara da *Bela e a Fera*. Eu não sou burro. E eu não sou o Gaston.
— O jogador tentou fazer Diana olhar para ele. Não conseguiu. Ela se recusava a desviar os olhos da planta. — Não precisa ter vergonha, isso acontece... Mas alguém precisa te levar pra casa.

— Não vai ser você.

— Por que não?

— Quem me garante que você não vai tentar terminar o serviço que começou no bar durante o caminho?

Ele abriu e fechou a boca três vezes antes de desistir. Estava prestes a dar tchau quando reparou que ela estava de olho num grupo de estudantes de medicina a alguns metros dali.

— Você conhece aqueles caras?

— Não. E lembra que eu te disse antes que a minha vida não é da sua conta? Então.

— Eu só ia dizer que o cara do meio é gay. Não ia adiantar você tentar a sorte ali.

— Nossa, quem falou que eu ia tentar sorte com alguém?! — Finalmente ela olhou nos olhos dele. — E você acha que tem direito de ter ciúme de mim?

— Quem falou em ciú...

— Sério, some daqui! — E Diana voltou a encarar apenas a planta. Ela ouviu os passos dele se distanciando. E começou a chorar.

Choro que logo passou quando os passos voltaram.

— Eu trouxe papel. Pra você, sei lá, limpar a boca. Achei que fosse precisar.

Sem dizer uma palavra, Diana esticou o braço, pegou os lenços da mão dele e passou nos lábios.

— Olha, se você quer tanto ajudar — ela falou, baixinho —, sinta mais pra cá. Não, aqui, na minha frente. Não quero que eles me vejam assim.

O rapaz obedeceu, inseguro. Nunca tinha precisado cuidar das mulheres que pegava nas festas. Geralmente, elas passavam mal *depois* da atuação dele. Diana, porém, deixou escapar um sorriso — que logo desfez, claro. *Engraçado como ele é obediente.*

— Você... não prefere olhar pra mim?

— Olhar pra quê?

— É que tá bizarro, você fica conversando com a planta...

— Porque eu tô bêbada. E suja. Você não entende.

— Desculpa.

No fim, ela acabou cedendo. Sentou-se direito e mirou-o nos olhos, como ele queria. Barba por fazer, olhos negros. *Rosto bonito*. Apesar de ter sido agressivo até então, ele tinha um quê de ingenuidade que Diana quis explorar.

— Pronto, feliz agora?

— Bem melhor. Pera aí... Eu sei quem você é.
Só assim, debaixo das lâmpadas, ele a reconheceu.
— Muita gente sabe quem eu sou. E, ainda assim, consigo afastar as pessoas.
— Você é a menina que nadou com a minha irmã.
O rosto de Diana ficou da cor de um pimentão.
— Eu sou irmão da Vanessa — ele completou.
Diana petrificou. E aquelas lágrimas, já secas, voltaram todas de uma só vez.
— Esquece, não precisa mais ficar aqui, pode ir embora.
— Não, eu... — O que dizer?
Ficaram em silêncio por alguns instantes. Nenhum dos dois sabia como reagir.
— Bom, parabéns. Você acabou de conhecer a famosa sapatão ninfomaniaca.
— Olha, falando sério, se eu conheço bem a minha irmã, sei que foi ideia dela.
A Vanessa tem merda na cabeça.

Diante desse lapso de compreensão — ele foi o único, desde aquele fatídico dia, a lhe dar espaço para defesa —, Diana sentiu uma urgência de se explicar.

— A gente nem tocou uma na outra! Saíram por aí dizendo que eu e ela transamos na piscina, mas não é nada disso!

— Calma, eu imagino. Já disse, a minha irmã é uma retardada. Foi na quinta-feira passada, né? No dia da cervejada?

— Foi! — Diana falava com pressa, engolindo as sílabas. — Ela chegou, eu nunca tinha visto aquela menina antes. Ela foi supersimpática comigo quando eu precisava que alguém me ouvisse. O cara que eu esperava que pudesse me ouvir... Enfim, ele não tava comigo. Ela disse que também precisava desabafar por causa do pai dela e não conhecia ninguém naquela festa. E aí a gente ficou conversando sobre as nossas vidas e tomando cerveja. A menina foi, tipo, o melhor ombro amigo, e aí a gente ficou bêbada e ela veio com aquele papo de se soltar e mostrar pro mundo que a gente pode se rebelar e... A piscina tava logo ali, era meia-noite...

— Eu meio que te devo uma desculpa. Fui eu que levei a Vanessa pra cervejada.

— Mas também, deixa. Sei que a intenção dela não foi me transformar numa piada.

— Piada nada. A galera deve te respeitar, mano. Você é bonita pra cacete.

— Você viu alguém me respeitando no caminho do bar até aqui? — Ela preencheu o vazio com fungadas. — Seu nome é Plínio, não é?

— É.

Diana cruzou as pernas como um índio. Enxugou o rosto — as maçãs do rosto novamente vermelhas. Alguma coisa dentro de Diana parecia ter se resolvido. Como se a solidão, o episódio trágico e o vômito na planta tivessem lhe causado uma epifania.

— Eu tava um caco naquele dia — ela começou a falar, mas depois recuou:
— Esquece, você provavelmente não quer ouvir.

— Eu quero sim! Fala aí.

— Não prefere voltar lá pra dentro e abusar de mais algumas bêbadas?

Ele se ofendeu.

— Mas eu não abuso de ninguém de propósito, eu...

— Não, bobo, é brincadeira. — E, então, continuou: — Meu sonho sempre foi estudar fora e mudar de país. Já sei o que você vai falar: “Nossa, Diana, que sonho original, quase ninguém quer isso, você é a diferente.”

Ele riu.

— Você faz relações internacionais, né?

— É. Um curso bem mais ou menos, na real, mas eu sempre me planejei pra fazer o último ano fora. Nos Estados Unidos. É um sonho meio infantil, mas possível. Sabe quando você planeja tudo, absolutamente tudo? Terminar a faculdade lá fora, trabalhar numa multinacional... Eu já sabia até quais empresas tentar. Sabia as datas de inscrição pros programas de estágio e *trainee*. Fiz o exame de proficiência em inglês. Sabia qual a documentação pro visto, tinha tudo separadinho, e aí... Aí acabou. Semana passada saiu o resultado da minha inscrição. Não me aceitaram porque disseram que faltou experiência na *parte social*.

— Que porra é parte social?

— Foi exatamente o que eu perguntei! Nossa, eu quis morrer! Disseram que é tipo trabalho voluntário ou indicações de amigos e professores. E a faculdade não me ajudou em nada, e aí deu nisso. Eu não vou.

Dessa vez, Diana não chorou. Falava de si mesma como se contasse a história de algum personagem.

— Tudo o que eu tinha planejado foi pro espaço. E a gente é pobre, minha família não pode pagar nem uma viagem pro Guarujá. Então é isso: fim. Fui afogar as mágoas com cerveja e encontrei a sua irmã, que reclamou que, mesmo depois de adulta, continua apanhando do pai.

Diana terminou a narrativa com um suspiro.

— Valeu por ter me ouvido. Eu precisava disso.

— Dá nada. Eu... — Plínio colocou a mão no ombro dela e massageou sua pele macia.

Diana podia jurar que ele estava a um passo de passar a mão no peito dela, de pedir alguma baixaria como recompensa por tê-la escutado durante todo aquele tempo. Mas ele recolheu o braço e disse:

— É melhor você ir embora.

Plínio a ajudou a se levantar e deu um tapinha nas costas dela. No rosto, um meio sorriso, como se dissesse *bom, é isso, a gente se encontra por aí*. Diana também sorriu.

— Sabe o que é engraçado?

— O quê?

— Eu vomitei numa planta que se chama babosa.

Plínio rachou de rir, a risada de quem vê um capote ao vivo. Diana achou graça da reação dele e gargalhou no mesmo tom. Os dois pareciam contentes como se a noite tivesse sido perfeita, lotada de risadas e danças, e não marcada por um beijo abusivo e uma poça de vômito no jardim.

— Mano, agora sempre que eu vir essa planta, vou lembrar de você — disse ele.

— É fácil de achar. São essas folhas longas com espinhos. Pronto, sou eu!

As risadas foram cessando. O assunto acabou.

— Bom, é isso. Valeu por ter ficado aqui fora comigo, Plínio.

— Não por isso.

Então, Diana tirou um anel do bolso e colocou-o no dedo anelar direito.

— Opa! Se você tivesse colocado isso no dedo antes, eu não teria nem chegado perto.

— Eu não namoro. Não sirvo pra ficar muito tempo com uma pessoa.

— Então só usa anel pra espantar caras tipo eu?

— É, tipo você.

— E por que você não tava usando hoje?

— Porque eu não ia precisar. Tava esperando alguém.

— Ah...

Um timbre de ciúme naquele “Ah...”?

— E você ainda tá esperando esse cara?

Ela negou com a cabeça.

— Chega de esperar. Agora é melhor eu focar no curso e terminar logo a faculdade. Quem sabe não pinta alguma coisa no exterior depois de formada? — Mas Diana sabia que sua esperança era tão real quanto uma fábula de Esopo.

— Se te consola, você pelo menos é decidida.

— Como assim? Você não é?

— Nem ferrando. Sou perdido pra cacete. Eu... eu tô pensando em largar a faculdade.

— Ah, que droga... Por quê?

— Sangue.

— Como assim, sangue?

— Sangue me incomoda. E eu faço medicina.

Ela riu daquela mesma maneira inesperada que ele.

— Você só pode estar de sacanagem! Só depois de ter feito de tudo pra entrar numa faculdade de medicina foi que você percebeu que não suporta ver sangue?

Plínio esboçou um sorriso, mas confessou, com certo incômodo:

— É que grande parte da decisão de fazer medicina nem foi minha.

— Puxa... Desculpa.

— Não, sussa. Do jeito que você falou, pareceu meio doido mesmo. Mas tem outra coisa: todo o mundo me dizia que os médicos se acostumam com o sangue. Pensei que ia ser igual comigo.

Eles vagaram pelo jardim. Não tinham rumo.

— Caramba, os caras do basquete. Eles vão me matar por abandonar a facul bem no meio do campeonato... Que bosta.

— Os caras do *basquete*? Largar a faculdade é uma decisão megadifícil e delicada e as pessoas estão pensando num jogo?

— Nem todo o mundo é igual a você.

— Sabe o que você faz? Manda todo o mundo vomitar na babosa.

— Eu deveria fazer isso mesmo. — Depois, ele ficou sério. — Mas não posso dizer isso pro meu pai.

— É... Até porque, pelo visto, ele é dos que batem.

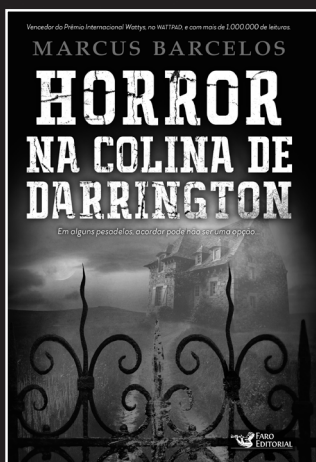
Ficaram quietos, os olhos perdidos no céu escuro.

— Querendo ou não — Diana recomeçou —, você me ajudou a, sei lá, não afogar a cara na babosa hoje. Então acho que posso te ajudar a enfrentar seu pai. E assim a gente vai se ajudando. Que você acha?

— Depende. Você vai parar de usar esse perfume de breja? Só de ficar do seu lado eu já to ficando bebaço.

Era uma piada ruim, mas Diana gargalhou mesmo assim. Ela estava com vontade de rir.

A ESCURIDÃO SE APROXIMA E, COM ELA, SEUS PIORES MEDOS...



Em 2004, Benjamin Simons deixa o orfanato em que viveu desde a infância para ajudar alguns parentes num momento difícil.

No entanto, certa madrugada, a tranquilidade da colina de Darrington é interrompida por um estranho pesadelo, que vai tomando formas reais a cada minuto. Logo, Ben descobre-se preso numa casa que abriga mistérios, onde o inferno parece mais próximo e o mal possui uma força evidente.

Horror na Colina de Darrington mantém o leitor aceso aos detalhes da investigação, que tornam a história complexa e absolutamente intrigante. Onde termina o inferno e começa a realidade?



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
VOX GRÁFICA EM SETEMBRO DE 2017